

E-poetry 2001: a poesia do século XXI

LUCIO AGRA

Mais uma vez a poesia contemporânea confirma a afirmação de Ezra Pound: está mais próxima das artes e da música que da literatura. Pelo menos esta foi uma das constatações mais evidentes que se poderia fazer ao acompanhar o *E-poetry 2001 Festival*, promovido pela Universidade Sunny at Buffalo e pela Associação *Just Buffalo*, no Estado americano de Nova York, no mês de abril deste ano.

Situada a uma hora de avião da capital do Estado, a cidade que um dia foi um centro industrial importante, sede de fábricas como a da Ford, que produzira o primeiro modelo de carro popular, o Model A, é hoje um centro de referência universitária para a poesia. Sob a liderança de Charles Bernstein, o Departamento de Poética abriga o EPC, *Electronic Poetry Center*, que mantém a reputação de agregar o que de melhor se faz no campo da poesia de vanguarda empregando meios eletrônicos e digitais.

Organizado pelo também poeta Loss Pequeno Glazier, o encontro reuniu artistas do mundo inteiro e foi, na opinião dos próprios participantes, inesquecível. Uma das poetas presentes referiu-se, posteriormente, na lista de e-mails do evento, à sensação de ter voltado de um "acampamento de férias", tal o clima de cordialidade e entusiasmo criativo que o *E-poetry 2001 Festival* proporcionou.

Aberto na quarta-feira, 18 de abril, com uma pequena sessão à tarde, no auditório do Departamento de Artes da Universidade, o encontro já começou prometendo, com a participação de Komninos Zervos, artista australiano de ascendência grega, que tem se especializado em converter palavras em personagens de pequenas narrativas nas quais as letras se comportam como objetos ou pessoas em ambientes imaginários. Muito preciso em suas animações e de extremo cuidado com o

aspecto sonoro, a poesia de Komninos faz parte de um primeiro grupo imediatamente identificável: o dos poetas que definitivamente abandonam o papel em proveito de uma forma de expressão que dá à palavra uma cinética antes impensável. Komninos iria provocar um outro efeito ao longo dos três dias seguintes: a troca de informações sobre os recursos e programas utilizados. Quem poderia imaginar, há cem anos atrás, que o poeta estaria interessado em nomes estranhos como *Java Script* ou *3D Rendering*? É notável que os poetas eletrônicos incluíram entre seu material de trabalho — além do bloco de notas e o lápis, como queria Maiakóvski — *softwares* e o *hardwares* que potencializam uma infinidade de novas idéias. Quando Augusto de Campos, nos anos 50, imaginava, na introdução que escreveu para o seu pioneiro *poetamemos*, “mas luminosos ou filmletras, quem os tivera” estava, na verdade, desenhando a premonição de que esses recursos viriam a ser essenciais para a poesia mais avançada que se produz hoje.

E as surpresas não parariam por ali: no dia seguinte, 19 de abril, início oficial do evento, a programação foi aberta com mais apresentações dignas de nota, a começar pela discussão, puxada por Christian Bök, dos Estados Unidos, em torno do *Racter*, programa de inteligência artificial que, associado a um processador de textos, torna-se capaz de gerar respostas aos *inputs* verbais do escritor. Antigos problemas, discutidos na época da “estetística” de Max Bense, e das primeiras experiências de computadores que funcionavam como geradores de palavras, frases e versos, voltaram à cena. Estava posta ali a primeira das polêmicas que acompanharia o evento, em torno da difícil questão da autoria do poeta. Bök afirmou que os textos gerados pelo *Racter*, quando confrontados com experiências surrealistas de escrita automática, produziam o efeito, em um leitor sem prévia advertência, de um possível texto surrealista. Em conversa após a sessão, Christian fez uma interessante observação: a diferença entre nós, escritores, e o computador equipado com o *Racter* é que esse último não tem prazer naquilo que faz.

A tendência geral de tentar superar as limitações da folha impressa continuou na fala de George Hartley, nome importante da atual poesia americana ao lado de Charles Bernstein, este último o *chair* da maior parte das sessões. Harley discutiu e demonstrou algumas experiências no uso de recursos de programação como o Java Script e o DHTML (HTML dinâmico) para a alteração de cores e formas das tipologias, procurando desenvolver o que chamou de “*mouse-poems*”, poemas gerados aleatoriamente a partir do movimento do cursor sobre a tela. Geradores de som e textos, hoje cada vez mais populares na Internet, têm povoado a imaginação dos poetas do século XXI. Algumas das experiências de Hartley podem ser encontradas em seu site pessoal (<http://student.ed.au/~s271502/index.html>).

Na sessão posterior, Loss Glazier procurou fazer um resumo das tendências presentes na poesia eletrônica contemporânea, chamando a atenção para um surpreendente pensamento: que dimensão teria um livro produzido a partir de material digital? O produto digital parece ser mais abundante que o analógico, gerando, por sua própria natureza, uma quantidade quase inimaginável de material que, como se podia ver ali, muitas vezes é irredutível à forma livro tradicional.

O esloveno Janez Strehovec trouxe a questão dos jogos, do texto-*game*, outro dos pontos polêmicos discutidos no evento. Dias depois, no sábado, o assunto voltaria à cena, com acalorados debates em torno dos *games* e de sua utilização, de forma subversiva, pela poesia. Nessa última ocasião, em um lance de extrema presença de espírito, o jovem poeta americano de ascendência coreana, Brian Kim Stefens, subiu ao palco e, enquanto a discussão se prolongava, conectou seu *notebook* na rede e pôs na tela um joguinho de *Windows* do site *UBUWEB* — grupo do qual faz parte — no qual era personagem a famosa rã do poeta japonês Bashô, cuja melhor tradução em português por Haroldo de Campos tornou-se bem conhecida entre nós. Só que esse jogo não tinha vencedores. Ao final um *score* anuncia zero pontos para os três jogadores com nomes de três letras que formam uma tradução do poema em três versos absolutamente concisos. A experiência pode ser verificada no site <http://www.ubuweb.com>.

Strehovec ainda enfatizou o processo em confronto com o artefato, o produto final, dando maior importância ao primeiro, um aspecto também frequentemente presente nas discussões. Parecendo ecoar uma das idéias de Haroldo de Campos, a “poética da agoridade”, o esloveno chamou a atenção para a atual confluência sincrônica do passado e do futuro em um presente radical.

Isto nos leva à segunda das principais constatações que o congresso produziu: a de que a poesia brasileira, sobretudo a herança da poesia concreta, encontra-se em alta no exterior. Poetas como Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Ronaldo Azeredo, José Lino Grünwald, são hoje cultuados como ícones da poesia de vanguarda e precursores diletos das experiências contemporâneas. Não foi outra a linha de argumentação de Keneth Goldsmith (*From (command) line to (iconic) “constellation”*), líder do grupo da *UBU Web*, ao assinalar uma série de coincidências entre as propostas presentes no plano piloto da poesia concreta brasileira, dos anos 50, e alguns dos experimentos radicais na poesia digital contemporânea. E o mais interessante é que, ao contrário do que se possa imaginar, a obsessão por novidades tecnológicas nem sempre assombra os novos poetas. Muito ao contrário, o próprio Goldsmith fez questão de chamar a atenção para o fato de que o site que ele iniciou há alguns anos mantém uma interface bastante simples, sem apelar para

excessos pirotécnicos. “Non multa sed multum”, diria o grupo *noigandres* que é alvo de extrema admiração por parte de Goldsmith¹.

Em seguida, o mesmo Brian Kim, citado anteriormente, discorreu sobre o que chamou de “vocabulário para uma poética *Web*”. Novamente os geradores de texto ganharam a cena, cascatas de palavras que se movem, se contorcem, se chocam e se permutam em movimentos de extrema elegância. E o terceiro fato a se constatar aparece em sua inteireza: o humor. Confirmando a afirmação oswaldiana, do humor como “a prova dos nove”, Brian, juntamente com Komninos Zervos foi, dos participantes, um dos que melhor soube tirar proveito desse elemento que extrai sua tática de procedimentos afins à própria poesia e várias vezes mencionados: a justaposição, a parataxe. A poética de Jakobson e as leituras aproximativas que dela fez Décio Pignatari, mais do que nunca, parecem fazer sentido no mundo da atual poesia eletrônica.

O jovem poeta canadense Neil Henessy apresentou, em seguida, o seu *Jabber: The Jabberwocky engine*, diretamente inspirado no poema de Lewis Carroll (também encontrável no *UBUWEB*). Para nós, brasileiros, era um conforto poder contar com a memória da tradução de Augusto de Campos, o “Jaguardarte”². Usando recursos de *Java*, Henessy pesquisou os detalhes que constituíam a matemática composicional de Carroll, compondo infinitas permutações comandadas aleatoriamente pelo computador.

O norueguês Patrick-Henri Burgaud trouxe o questionamento do veículo para o próprio sistema operacional, criando aplicativos que aprisionam o leitor, trabalhando com a narrativa de um condenado. A tecla *escape*, normalmente a saída dos programas, é exatamente aquele elemento que o leitor/navegador deve evitar, fugindo das óbvias rotas de saída. Seu texto não era propriamente um poema, mas uma narrativa poético-ficcional em torno de um famoso condenado à prisão perpétua. Este, aliás, outro aspecto interessante: a ruptura dos gêneros. O que se viu foi um trânsito permanente entre narrativa e verso, poesia e prosa, épica e lírica, drama, comédia, tragédia, tragicomédia e o que mais se imaginar. Até mesmo a antiga forma poética das sextinas, à maneira de Dante, reaparece em geradores de texto em *Java Script*. Se a modificação, portanto, é espacial (trânsito horizontal entre as formas), também é temporal (trânsito de passados no presente). O poeta brasileiro Paulo Miranda, por exemplo, que mantém uma lista chamada “do bom e

1. O site *Ubuweb*, como destacou Goldsmith, tem a própria poesia concreta no seu título.

2. Ver CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1971, pp. 102-3.

do melhor" na Internet, divulga, em seus *e-mails*, desde sonetos até a poesia concreta, interessado, permanentemente, na sobrevivência da linguagem poética. Do verso ao não-verso e deste novamente àquele, todas as possibilidades são verificadas pelos recursos que a tecnologia coloca à disposição.

E não se pense que se trata apenas da alta tecnologia. Uma peça de museu, um computador *Mac Classic*, daqueles que muitos usaram no início dos anos 90, reapareceu em cena no trabalho de Deena Larsen que expôs a maquininha (alvo da curiosidade de vários participantes) alimentada com o *Hyper Card*, um dos primeiros programas de hipertexto e que, segundo a autora, não encontra equivalentes nos dias de hoje. Deena sustenta que, não só ela, mas outros autores como Jim Rosemberg, também presente ao evento, produziram ao longo dos anos 90 material para o *Hyper Card* que hoje não pode mais ser visto a menos que o leitor seja também um colecionador da *memorabilia* dos computadores, como Deena. Eis-nos, portanto, na sessão de livros raros da biblioteca.

Muito embora pouco material impresso circulasse no evento, alguns folhetos e *plaquettes* foram distribuídos. Mas parece que a maior parte dos poetas eletrônicos desistiu da cara e difícil arte de fazer os livros em papel. Este suporte parece permanecer como mero registro e forma mais rápida, em alguns casos, de listar os endereços dos sites. Em algumas ocasiões o uso do papel era até mesmo tosco, como a lista de *e-mails* que somente no último dia alguém teve a brilhante idéia de fazer circular.

O material do congresso, por outro lado, deve sair brevemente em um CD-ROM, forma barata que em alguns casos é até mesmo distribuído gratuitamente, como ocorreu durante a performance da noite de quarta-feira. O CD, chamado Gravitational Intrigue, é uma coletânea em formato digital, da qual participam vários dos que ali estavam e outros. Nomes como Jim Rosenberg, Allan Sondheim, Reiner Strasser, Chris Funkhouser, são ainda desconhecidos entre nós, mas formam uma rede bastante eficiente, alimentada por várias listas na Internet. Muitos se conheciam virtualmente e, como notou Sandra Guerreiro, portuguesa, aluna do doutorado em Poética, deram um novo espírito ao congresso, transformando-o em um encontro do tipo dos que se fazem com amigos virtuais. Alguns destes como Reiner Strasser e Sondheim apresentaram trabalhos ainda na quarta-feira. Strasser, um alemão de Wiesbaden, web designer, trabalha com permutações de palavras, tendo como tema constante a subjetividade humana. Algumas dessas experiências estão no site <http://netartefact.de> que, embora hospedado em um servidor alemão, oferece seus textos em inglês (definitivamente a língua franca deste evento).

Apesar do monoglotismo predominante, alguns artistas de países mais distantes como Nazura Rahime (Malásia), estiveram presentes. Nazura trouxe alguns de

seus delicados trabalhos em *Director*. Uma imagem de Nazura particularmente me chamou a atenção: o desenho de pés que funcionavam como ícones de navegação. Era curioso observar a confluência entre tradições de grande ancestralidade e meios tecnológicos extremamente sofisticados.

Como poetas não ficam sem visitar a mesa de um bar, não faltaram confraternizações a cada dia, produzindo um verdadeiro *tour* nos principais pontos de encontro da noite de Buffalo e adjacências. Loss Pequeño Glazier chegou mesmo a referir-se ao evento, ainda que com certo tom de brincadeira, como o “*Woodstock da Poesia Eletrônica*”. E diversas vezes insistiu que desejava um clima de festa ao final de cada dia, a fim de favorecer a confraternização entre os participantes. Isso não faltou. E também criou condições para que todos nós conhecêssemos alguns dos mais interessantes centros culturais de Buffalo como o tradicional *Hallwallis Contemporary Arts Center*, ex-sede da já mencionada fábrica da Ford e de longa história na cultura americana. Lá foi possível assistir a uma extensa *performance* do grupo formado pelos poetas Sandy Baldwin, Don Byrd, Nancy Dunlop, Chris Funkhouser, Belle Gironda, Christina Milletti, Derek Owens e outros. Foi uma noite tipicamente *beat*, na qual havia menos poesia eletrônica que a leitura contínua de poemas que Maiakóvski qualificaria de “longos como água”. A sessão terminou com a apresentação de uma banda de *jazz*.

No dia 20, começamos os trabalhos com Miekal e Maria Damon (http://cla.umn.edu/joglars/erosive_media/index.html), autores de uma suíte de prosa poética intitulada *Eros(ion)*. Os recursos de hipertexto e *Java* marcam esse trabalho, novamente conectando universos distantes, tecnologia e lirismo com certos acentos românticos. Lawrence Upton, da Inglaterra, poeta cujo nome já se reconhece internacionalmente, discutiu aspectos formais ligados à desconexão entre significado e forma, algo que novamente chama a atenção. Jonathan Minton, dos Estados Unidos, deu continuidade ao tema, conseguindo aproximar questões ligadas à programação e idéias do formalismo russo. O dialogismo de Bakhtin foi chamado a sustentar a concepção de um dos programas apresentados, o *Digilog*. Foi uma forma interessante de lidar com a questão da interação homem/máquina que já despertara discussões no dia anterior.

John Kuszai, também dos Estados Unidos (<http://www.factoryschool.org>) trouxe a discussão para um terreno mais imediato, analisando a construção de sites como praxis poética. E Martin Spinelli, professor universitário de Nova York na área de comunicação, enfocou um aspecto fundamental, a sonoridade da poesia, transmitida através do Rádio. Spinelli lembrou que há uma tradição nesse sentido que pode ser repensada diante dos recursos de som e distribuição hoje presentes na rede mun-

dial de computadores. E finalmente Charles Bernstein, diretor do programa de poética, personalidade fundamental do evento, pediu licença para não recorrer ao computador (máquina que quase sempre pregava peças nos apresentadores) e fez uso de uma seqüência de pequenos cartões com frases que se combinavam infinitamente. Bernstein fez um inteligente contraponto, chamando a atenção para o princípio combinatório que preside a própria linguagem digital. Considerando-se próximo, mas não praticante da poesia eletrônica, Bernstein foi responsável por uma das mais espirituosas idéias do evento: "Poetry is the vampire of other media".

Algumas outras discussões, sempre relacionadas à rede, surgiram neste dia como a questão das listas e ambientes colaborativos (Christopher Alexander, moderador da *Poetry list* do EPC e Katherine Parrish, do Canadá, que investe em um dos sistemas de *ICQ* mais usado por poetas, o *MOO*).

Durante a tarde, imperou o multi-culturalismo: Philippe Bootz, da França, que no dia seguinte apresentaria a publicação digital *alire*, uma das mais interessantes nesse terreno na Europa; Jim Andrews, do Canadá, e Juan José Diaz Infante, do México, completaram o segundo painel, abrindo espaço para os brasileiros.

O brasileiro Wilton Azevedo prestou homenagem ao seu amigo Philadelpho Menezes, morto tragicamente no ano passado e, com seu bom humor, fez a platéia aplaudir bastante seu recente trabalho, chamado *Loopoesia*, a sair em CD.

Derek Beaulieu, do Canadá e Chris Funkhouser apresentaram dois extremos do que caracterizou a sessão seguinte: a discussão dos materiais. Beaulieu mostrou um trabalho extremamente cuidadoso, usando *softwares* de alto desempenho e excelentes resultados como o *Ultradev* e o *Dreamweaver*. Funkhouser, por sua vez, manteve o espírito das longas leituras acompanhado por um exótico aparato, um microscópio-*web-cam* conectado ao computador que sua colega, Amy Hufnagel fazia-lhe percorrer o corpo. Tratava-se, na verdade, de um aparato muito simples, na verdade fabricado para crianças, o que reforçava a ironia da performance.

Senti-me à vontade nesta sessão, já que meu trabalho também caminhava no sentido de explorar recursos limitados e encarar o desafio que esse tipo de programas coloca para a criação. Foi interessante observar o papel do erro na criação: para que os meus colegas pudessem ter a mínima noção do que eu mostrava, providenciei algumas traduções absolutamente literais. E me diverti com o inusitado de risos da platéia em passagens que se pretendiam sérias. O meu sofrível inglês, ao menos nessa ocasião, me deu alguns minutos de puro prazer.

À noite, assistimos àquela que talvez tenha sido a melhor performance do evento, com participantes do *UBUWEB*. Kenneth Goldsmith, Brian Kim Stefens, Neil Henessy (Estados Unidos), Darren Weshler Henry e Christian Bök (Canadá) trouxeram nova-

mente a irreverência à cena, destacando mais uma vez outro dos traços fortes do encontro de Buffalo: o humor. Mesmo o trabalho de Brian Kim (*The Dreamlife of Letters*), diretamente influenciado pela poesia concreta, continha fortes doses de ironia. Brian foi citado na lista de *e-mails* do *E-poetry* como quem levou mais adiante os experimentos bidimensionais com palavras em movimento. Ele maneja como ninguém ferramentas como *Shockwave* e *Flash*. O seu trabalho pode ser visto na *UBUWEB*, assim como os textos dos participantes (http://www.ubu.com/feature/papers/feature_01.html). Mais uma vez tivemos oportunidade de conhecer um dos espaços culturais interessantes de Buffalo, desta vez a Galeria *Big Orbit*.

O sábado, último dia do evento, ainda reservaria surpresas para os congressistas. Em um dos melhores prédios da Universidade Sunny at Buffalo, o *Clemens Hall*, tivemos uma intensa manhã de discussões. O ambiente tendia para o acadêmico, mas a intervenção de Allan Sondheim, valendo-se exclusivamente das imagens do seu computador, alternando janelas com vídeos, texto simples e alterado por programações em *Perl*, demonstrou como o *desktop* pode se transformar em um espaço virtual extraordinário para a exposição simultânea de textos verbais e não-verbais. Algo que todos sabemos, mas freqüentemente não nos damos conta. Trabalhando com vários tipos de software, desde geradores de texto a VRML, Sondheim é um dos bons exemplos contemporâneos de poesia eletrônica. Polêmico, sempre carrega seu trabalho de referências eróticas, interessado nas conexões intersubjetivas mediadas pela máquina. Mesmo discordando de suas idéias, é impossível ser-lhe indiferente.

O evento ainda continuaria ao longo do dia com uma nova apresentação da brasileira Giselle Beinguelman e seu "desvirtual" (<http://www.desvirtual.com/cache>), e a ala da teoria literária propriamente dita, com Barrett Walten e Jennifer Ley, ambos dos Estados Unidos. Ao sair do *Clemens Hall* para pegar meu táxi para o aeroporto, levava na memória as últimas discussões em torno dos *games* e da poesia digital e fiquei pensando que esse deverá ser, provavelmente, uma das mais promissoras áreas de criação para poetas nesse início de novo século. A presença de espírito de Brian Kim, ao mostrar o *game* a partir do poema de Bashô, durante a discussão, pareceu-me fechar com chave de ouro o que pude acompanhar do encontro. E tive que seguir meu caminho, lamentando perder as *performances* da noite, reunindo John Cailey, Loss Glazier e Jim Rosenberg. Era como um prelúdio para uma "saúde feliz" de Buffalo que eu acabaria por levar de contrabando.

Lúcio Agra é doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), professor de Teoria da Comunicação na FAAP e autor de *Selva Bam-ba* (poemas, 1994).